



LITERATURA E CINEMA: POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS NO TRABALHO EM SALA DE AULA

Elaine Perpétua Dias Martins (1); Maria Lucivânia Leandro Andrade (1); Nilson de Sousa Rutizat (2); Jocenilton Cesário da Costa (3); Jocenilton Cesário da Costa (4)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), elaine_martins28@hotmail.com, mdslucivania@gmail.com, brasilalemo@gmail.com, newton.costa.jp@hotmail.com.

Resumo: O ensino de língua portuguesa proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais com a perspectiva de observação e reflexão sobre os gêneros discursivos correntes na sociedade, incorpora nos estudos de linguagem os conteúdos de literatura. Com isso, além de reforçar a tendência contemporânea de ensino interdisciplinar, abre espaço para que produções literárias sejam vistas de forma mais próxima ao aluno e com a possibilidade de diálogos com vários outros campos do conhecimento. Assim, este trabalho dedica-se ao estudo da literatura e audiovisual em sala de aula. Pretende-se, através do estudo das narrativas, discutir as possibilidades do ensino de literatura e do audiovisual nas práticas escolares com base nas pesquisas de Stam (2008) e Moura (2007), os quais abordam a importância do cinema em sala de aula como ferramenta pedagógica. Para melhor compreender esta pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica e a análise do conto “Um Apólogo”, de Machado de Assis, bem como de sua adaptação em vídeo realizada pela TV Escola, posteriormente é elaborada uma proposta metodológica sob o método recepcional, com o objetivo de contribuir para a realização de aulas sobre literatura na disciplina de Língua Portuguesa, uma vez que a utilização da literatura e cinema agrega muitos benefícios ao processo de ensino/aprendizagem e é um novo desafio para os educadores trabalhar as adaptações cinematográficas em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, adaptação filmica, sala de aula.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é destacar a presença da literatura e do audiovisual em sala de aula, uma vez que o ensino da literatura não é muito apreciado pelos alunos e talvez a falta de algumas ferramentas pedagógicas leve à não sistematização desse aprendizado. As pesquisas de Stam (2008) e Moura (2007) mostram que a literatura e o cinema¹ constituem uma nova abordagem de ensino para a literatura, contribuindo para construção dos saberes no campo educacional.

O ensino de língua portuguesa proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002), com a perspectiva de observação e reflexão sobre os gêneros discursivos correntes na

¹ Neste trabalho, utilizamos bastante a palavra “cinema”, mas lembramos que a adaptação de obras literárias pode ser feita não apenas para o cinema, mas na forma de vídeos, telenovelas, etc. A palavra audiovisual, que também utilizamos neste artigo, é mais abrangente.



sociedade, incorpora nos estudos de linguagem os conteúdos de literatura. Com isso, além de reforçar a tendência contemporânea de ensino interdisciplinar, abre espaço para que produções literárias sejam vistas de forma mais próxima ao aluno e com a possibilidade de diálogos com vários outros campos do conhecimento.

Este artigo integra uma proposta de trabalho com o conto de Machado de Assis “Um Apólogo” e a adaptação da obra literária em vídeo. Trata-se de uma experiência com alunos do Ensino Fundamental que tem como objetivo proporcionar uma aproximação com a literatura. Nessas circunstâncias, o presente artigo possui a seguinte ordem: inicialmente, buscaremos entender a relação entre literatura e cinema e seus principais tentáculos; em seguida, apresentamos a metodologia adotada para cumprimento dos objetivos traçados e pôr fim a demarcação da proposta metodológica.

RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E CINEMA: BREVE ENFOQUE

A literatura tem inspirado e impulsionado muitos a reproduzirem obras cinematográficas, e isso possibilita o uso da adaptação fílmica em sala de aula de literatura como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem. O estudioso Ismail Xavier, em entrevista à revista *Cinema e Educação* (2008, p.15), argumenta:

De um lado, o cinema incorpora aquela dimensão formadora própria às várias formas de arte que cumprem um papel decisivo de educação (informal e cotidiana); de outro, ele pode se inscrever de forma mais sistemática no processo educativo, com interação direta com a fala do professor, seja pela produção daquela modalidade especial a que se deu o nome de "filme educativo". [...] Para mim, o cinema que "educa" é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é "passar conteúdos", mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável.

Diante das mídias virtuais e da infinidade de recursos tecnológicos disponíveis, o leitor precisa estar atento quando está diante de uma adaptação fílmica, porque algumas possuem mudanças significativas de sua obra original.

A adaptação fílmica é a maneira de reproduzir para o cinema ou em vídeo um romance, conto, biografia, reportagem, peça teatral, quadrinhos, etc. Porém algumas se afastam bastante da versão original, não apresentando a chamada “fidelidade”. Essas transformações são explicadas por Robert Stam (2008, p. 21), uma vez que elas “[sugerem] a possibilidades de diferentes leituras de



um texto da mesma forma que um romance pode motivar diversas adaptações. Sendo assim o dialogismo intertextual, portanto, auxilia-nos a transcender a aporias da “fidelidade”.

Para o autor supracitado, as adaptações filmicas estão sujeitas as modificações, devido às muitas formas de interpretações dos textos. Segundo Moura (2007), ao falarmos em adaptação cinematográfica de obras literárias, é importante termos a clara noção de que não há nenhuma obra de arte que surge a serviço de outra. Portanto, visões preconceituosas sobre as motivações que levam a esse processo de adaptação devem ser abandonadas. A ideia de “fidelidade”, por si só, já é descabida e incoerente (MOURA, 2007).

A relação entre cinema e literatura vem sendo desenvolvida ao logo dos anos e o fato do cinema ter uma estrutura diferenciada acaba por proporcionar a chamada falta de fidelidade à obra literária. Em uma de suas análises de adaptação cinematográfica, baseada no livro *Lolita*, segundo o roteiro de cinema do próprio Nabokov, autor do livro, Stam (2008, p. 300) faz alguns questionamentos.

Ele revela as instabilidades da produção textual, o fato de que as obras consideradas definitivas são, na verdade, apenas uma versão que arbitrariamente foi congelada e recebeu o estatuto de definitiva. O roteiro inclui cenas rejeitadas na versão final do romance, mas que foram reaproveitadas pelo roteiro, bem como diálogos diferentes dos que encontramos no romance. Esse fato inspira uma pergunta fascinante: se um romancista escreveu um romance e também forneceu um roteiro que em si já é “infel” ao romance a que texto deveria o cineasta ser fiel?

Sendo assim, segundo o autor as adaptações filmicas podem não ser reproduzidas exatamente como o texto expõe. Pois pode incluir cenas rejeitadas na versão final do livro, o roteiro pode incluir, ainda, diálogos com linguagem diferente dos diálogos do romance.

Tendo como base as pesquisas apresentadas, alguns aspectos importantes devem ser levados em conta na hora de conduzirmos a obra literária reproduzida em filme na sala de aula, pois as relações entre literatura e cinema devem ser respeitadas e coerentes.

O papel motivador do cinema

O cinema é um recurso muito usado nos dias atuais, inclusive no ambiente escolar, é uma ferramenta que ajuda na reflexão de algumas indagações. Segundo Merten (2005), o cinema é um gênero discursivo que, devido à sua condição de "recém-chegado" (seu surgimento oficial nos



remete há pouco mais de um século), teve que percorrer um longo caminho até atingir o *status* de arte.

O cinema tem, entre outros papéis, o trabalho de motivar e divertir. Em entrevista à revista *Época*, (ÉPOCA, 2008, p. 4), Walter Salles Júnior afirmou que o papel principal do cinema “é gerar uma memória de nós mesmos”, refletir o retrato de uma sociedade em um dado momento. O cinema representa ainda um dos modos de expressão cultural da sociedade industrial e tecnológica contemporânea. E a relação entre cinema e educação, seja no contexto da educação escolar ou da educação informal, é parte da própria história do cinema. Desde os primórdios das produções cinematográficas, produtores e diretores de cinema o consideraram como uma poderosa ferramenta para instrução, educação e reflexão humanas.

A utilização da literatura e cinema em sala de aula agrega muitos benefícios ao processo de ensino/aprendizagem e é um novo desafio para os educadores trabalhar as adaptações cinematográficas em sala de aula.

Cinema na sala de aula

A sala de aula é um ambiente onde ocorrem as interações entre o aluno e o professor, e os inúmeros gêneros textuais ajudam a ambientar essas interações. À luz desse pensamento, Freire traz a seguinte elucidação.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda em assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (FREIRE, 1996, p 41)

Tendo em vista as contribuições do autor, é considerável a orientação que cada educador para ser criativo, dando o seu melhor na preparação dos conteúdos a serem ministrados em sala de aula. O educador auxilia na mediação dos conteúdos e a tornar o ambiente ensino aprendizagem prazeroso. Nas aulas sobre literatura, o desafio é ainda maior, pois é necessário estimular os alunos e torná-los grandes leitores. Por essa razão, a proposta metodologia sobre o método recepcional



pautada neste trabalho no ensino da literatura, ajuda na aproximação do leitor e da obra pois pode: atender, romper, ampliar as expectativas dos leitores.

Demarcação da proposta metodológica

A proposta de trabalho em sala de aula apresentada aqui, de acordo com Bordini e Aguiar (1993), tem como objetivos: efetuar leituras compreensivas e críticas; ser receptivo a novos textos e à leitura de outrem; questionar as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural e transformar os próprios horizontes de expectativas.

É importante perceber que o método recepional baseia-se na definição de que uma obra literária é “[...] um cruzamento das concepções que sobre ela se fizeram e se fazem nos vários contextos históricos em que foi lida” (AGUIAR, 2001, p. 148) e, por isso, permite que cada leitor atualize as interpretações e redimensione os sentidos, preenchendo os *vazios* do texto.

Reconhecimento da literatura e do audiovisual

A obra escolhida foi “Um Apólogo”, conto de Machado de Assis, e sua adaptação fílmica, a obra ajuda a desenvolver diversas abordagens, através dos objetos inanimados, despertam o senso crítico e revela as emoções humanas como ira, raiva, orgulho e inveja.

Propõe-se uma análise do conto, que aborda diversas temáticas figurativizadas da Agulha e da Linha, bem como dos demais personagens.

O conto “Um apólogo” integra o livro *Várias histórias*, de Machado de Assis, publicado em 1896, em que ele aborda aspectos vividos pela sociedade carioca no século XIX. O narrador onisciente conta a história e observa os acontecimentos. A história possui dois personagens principais que brigam, discutem para saber quem é mais importante. Os personagens, ao longo do conto, revelam como algumas pessoas agem para serem reconhecidas, e o assunto abordado é de extrema complexidade e reflexão. A disputa mostra orgulho e soberba de ambas as partes, que passam a insultar e humilhar um ao outro com palavras. O conto também apresenta personagens secundários, como: a baronesa, a costureira, o alfinete e o professor de melancolia.

O tempo é sugerido pelos aspectos presente no conto a época de uma baronesa, assim como elementos de festas diplomáticas e é cronológico, a exemplo:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

[...] ainda o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile. Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. (ASSIS,1984. P. 59, grifos nosso)

A disputa começa a se encerrar quando a linha e a agulha estão sendo usadas pela costureira, enquanto está terminando o vestido:

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha: “— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima [...]”. (ASSIS,1984. P. 59)

Assim, a linha toda orgulhosa por ir ao baile no vestido da baronesa, humilha mais uma vez a agulha que fica em silêncio na caixa. O mistério do conto fica escondido e só é revelado na penúltima parte:

“Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!” (ASSIS,1984, p. 59)

A história que estava escondida era a do professor, que se sentia usado por não ser reconhecido e se entristeceu, levantando uma reflexão pessoal a respeito do seu trabalho e do convívio com o mundo, além da percepção de sua real importância para a sociedade. Tudo não passava de uma história criada pelo narrador-personagem secundário, que se deu a conhecer no final da trama.

Adaptação filmica

Filme: *Um apólogo* – História baseada em conto homônimo de Machado de Assis, duração: 15min, categoria: Curta-metragem/sonoro/ficção, ano: 2014, país: Brasil, produtora: TV Escola/Digital Cine, diretor: Alan Arrais.



O filme é baseado no conto “Um apólogo”, de Machado de Assis, que se passa na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. O vídeo, em desenho animado, descreve a história dos personagens da agulha e a da linha, que discutem para decidir quem é a mais importante. As duas ressaltam suas qualidades, e o diálogo entre as duas se encerra quando a costureira pega a tesoura e corta a linha que sobra na agulha. Com isso, a linha se acha em vantagem por poder ir ao baile, enquanto a agulha continuaria ali.

O filme se aproxima do texto original do conto, pois poucas modificações foram observadas e nenhuma que retirasse a originalidade da obra. O narrador observador descreve a cidade do Rio de Janeiro no século XIX, no início do filme. Ao narrar, ele aponta elementos que expõem o momento vivido pelos brasileiros naquela época, quando havia muitos estrangeiros, barões, abolicionistas e militares, além de escravos nascidos em diferentes cidades da África – uma mistura de gostos, interesses e culpas. Trata-se de uma metrópole confusa que cresce depressa: em menos de vinte anos, a população triplica, mas a cidade ainda tinha tempo para o humor e para o amor.

No cenário, mostra-se a arquitetura da época, paisagens e principais avenidas da cidade do Rio de Janeiro, ao som de música popular brasileira entoada ao longo da abertura do curta-metragem. Uma das cenas iniciais exhibe dois personagens secundários que, dialogando, seguram em suas mãos o jornal que circulava na época como fonte exclusiva de informação. O assunto por eles abordado era a costureira Carolina, que passava por uma das principais avenidas do Rio de Janeiro, em direção à casa de uma baronesa. Ambos conversavam e admiravam Carolina, declarando que, após a abolição da escravatura, o trabalho de qualidade havia ficado escasso.

Em suma, o filme tem como cenas principais o diálogo entre a linha e a agulha, que recebem características físicas, com sentimentos humanizados de ira, raiva, alegria e tristeza. Os personagens secundários são: a baronesa, a costureira, o alfinete, o narrador e o professor de melancolia.

Desta forma a adaptação filmica é empregada a proposta metodológica sobre o método recepcional, com o objetivo de validar suas contribuições no processo de ensino-aprendizado.

Determinação do horizonte de expectativas – cinco etapas

Nesta fase, as etapas para auxiliarem o educador na observação do comportamento e das preferências dos alunos pela literatura.

Etapas 1 – Propõe-se um projeto pedagógico para o gênero conto no ensino fundamental. Antes de trabalhar com o conto em aula, convém observar o comportamento dos alunos e seus gostos em relação à leitura e textos literários.



Etapa 2 – É solicitado que os alunos pesquisem na biblioteca alguns títulos para que eles possam ler em sala de aula.

Etapa 3 – Neste momento, abre-se uma discussão sobre o gênero conto, evidenciando questões que demarcam cada gênero e também pergunta-se aos alunos qual a opinião deles sobre questões como: o que é a importância? O que é ser importante? Como se dar valor?

Etapa 4 – Depois de observar o comportamento dos alunos, começaremos a aula falando sobre “Um Apólogo”, de Machado de Assis, o propósito dessa escolha e a leitura de um pequeno resumo da obra.

Etapa 5 – Os alunos deverão escrever suas reações com a leitura no resumo e fixar no mural.

Atendimento do horizonte de expectativas (2ª aula)

O objetivo desta fase é permitir que os alunos tenham contato com o texto e sejam atendidos em suas expectativas criadas previamente sobre a aula.

Parte 1 – Apresentaremos o conto impresso para que sejam feitas as leituras, de forma individual e conjunta, fazendo anotações de palavras desconhecidas

Parte 2 – Expor as principais características do conto:

- Mostrar como os sentimentos afetam as relações humanas, por exemplo: a raiva contida nos personagens; como eles lidam com o ego; a forma como um vê o outro; a inveja dos personagens agulha e linha. Levantar a questão de como os alunos lidam com essas questões.
- Analisar trechos que comprovem a personalidade dos personagens.

Ruptura do horizonte de expectativas (3ª aula)

Etapa 1 – Assistir ao filme homônimo adaptado do conto “Um Apólogo”, de Machado de Assis. Em seguida, fazer os questionamentos: onde se passa a história? O que acharam do conto? E do curta? Há diferença entre eles? Quais? É um conto fácil ou difícil? Em relação ao contexto da obra, vocês se acham mais parecidos com a agulha ou com a linha?

Etapa 2 – No segundo momento, propõe-se uma discussão acerca do conto; com os alunos em círculo, iniciaremos o que chamaremos de sala redonda.



Etapa 3 – Estudar com mais atenção as personagens dos textos, do romance e do filme e suas respectivas funções dramáticas dentro da história. Compará-las, fazendo um quadro de semelhanças e diferenças.

Etapa 4. Analisar os aspectos cinematográficos específicos: roteiro, sons (diálogos, música e ruídos), fotografia, personagens, direção de arte, entre outros.

ANÁLISE DOS OBJETOS

Etapa 5. Propor a análise das imagens. Abaixo um modelo, do filme *Um Apólogo*



Cidade do Rio de Janeiro

Fig.1



Fig. 2 Diálogo entre o novelo, a agulha e o alfinete



Fig. 3 A linha



Fig. 4 A linha e a agulha



Na imagem 1, mostra-se o contexto histórico da época do Rio de Janeiro. Na imagem 2, há um diálogo entre o novelo e a agulha, no qual se é discute quem é mais importante no trabalho da costureira. Na imagem 3, a linha se defende da discussão e declara que é superior à agulha. Na imagem 4, apresenta-se o diálogo final entre a agulha e a linha, bem como o destino de ambas. Propõe-se a utilização das imagens em sala de aula para ilustrar a leitura do conto.

Questionamento do horizonte de expectativas (4ª aula)

Nesse momento, será feita a comparação dos relatos dos alunos com o conto. Até onde as experiências de nossos alunos os conectaram com o texto? O texto tem alguma semelhança de fato com as experiências do aluno? Essas oficinas instigaram o aluno a ler novos textos? Aqui será feito um balanço das demais oficinas, observando o conhecimento acadêmico do aluno.

Ampliação do horizonte de expectativas (5ª aula)

Na quinta e última aula, será apresentada a proposta de que os alunos busquem contos com os quais se identifiquem ou gostem, para ser trabalhados em sala de aula, só que dessa vez apresentados por eles.

Como apresentamos inicialmente a discussão sobre a concepção dos alunos sobre algumas questões, utilizaremos esse momento para retomarmos a discussão sobre as questões levantadas: o que é a importância? O que é ser importante? Como se dar valor? Ao retomarmos essa discussão, iremos verificar se o aluno continua com a mesma resposta em relação a esses questionamentos.

A literatura e Cinema sob o método recepcional auxiliam à proporcionar aulas de literatura muito mais prazerosas, além de permitir o envolvimento e a aproximação dos alunos com a literatura a proposta metodológica contribui para interação, entre aluno e educador que ao determinar o horizonte de expectativa, provoca no aluno o interesse de conhecer e ler diversos textos literários, quando suas expectativas são atendidas o educador consegue desenvolver o aprendizado preparando-o para a fase que se rompe as expectativas, possibilitando assim que o aluno eleve suas intenções e questionamentos. Questionamentos estes que contribuem para ampliação do horizonte de expectativas, consolidando assim todo processo de ensino aprendido.

O papel do educador é fundamental no sucesso da aplicação da proposta metodológica, ele precisa estar motivado, preparado para ser precursor deste novo incitamento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abre caminhos para novas perspectivas de trabalho sobre literatura e cinema/audiovisual em sala de aula. A proposta tem como objetivo aproximar os alunos da literatura de maneira prazerosa. É importante para o crescimento e desenvolvimento escolar dos alunos que a literatura e cinema sejam trabalhados em sala de aula, uma vez que o ambiente escolar é um lugar de trocas de conhecimentos e relações interpessoais.

A inspiração cinematográfica que vem das literaturas possibilita o seu uso em sala de aula. Reconhecendo sempre as adaptações filmicas que se aproximam da fidelidade das obras, o professor pode conduzir a proposta de ensino no ambiente escolar, enriquecendo o processo de ensino aprendizagem.

O convívio do aluno com a literatura o torna capaz de desenvolver um senso crítico, melhorando a leitura e a escrita. Já o cinema, por sua vez, traz a importância do audiovisual agregado ao aprendizado. A soma da literatura e do cinema em sala de aula representa uma elevação do ensino-aprendizagem e a aulas de língua portuguesa muito mais atraente.

Em suma, este trabalho traz possibilidades no ensino de literatura em sala que contribuem para os alunos desenvolverem o prazer pela leitura, eles são estimulados através do cinema que oportuniza ligação com a literatura, além de instigar o educador a sair dos processos de ensino tradicionais de literatura e partir para novos desafios.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. **A escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ARRAIS, Alan. **Um apólogo**. [Filme-vídeo]: Produção de TV Escola eDigital Cine, direção de Alan Arrais. Brasil, TV Escola, 2014. 12 min, curta-metragem, sonoro, ficção. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kYNCJXQ3Zac>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

ASSIS, MACHADO DE. **Para Gostar de Ler - Volume 9 – Contos**. Editora Ática: São Paulo, 1984. P. 59

BORDINI, M e AGUIAR, V. T. **A Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL, Secretaria da educação, 2002. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema: Entre a realidade e o artifício**. Porto alegre, RS: Artes e Ofícios, 2005.

MOURA, Alexssandro Ribeiro. **Lavoura Arcaica**: tradução intersemiótica. Dissertação (Mestrado). 2007. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás.

SALLES JR., Walter. O papel do cinema é gerar uma memória de nós mesmos. **Revista Época**. Brasil, 29 ago. 2008. Disponível em: <http://blog.opovo.com.br/educacao/o-papel-do-cinema-e-gerar-uma-memoria-de-nos-mesmos-2/>. Acesso em: 27 jan. 2016.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Campinas: Papirus, 2009.

_____. **A literatura através do cinema**: realismo, magia e arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

XAVIER, I. **Um Cinema que "Educa" é um Cinema que [NOS] FAZ PENSAR**. In: Cinema e Educação33(1): 13-20 jan/jun 2008.